

LUCAS CASSULE & NADAVY
UMA HISTÓRIA BASEADA EM FACTOS

A VALA DE
SANGUE

A VALA DE SANGUE

LUCAS CASSULE & NADAVY

©Lucas Cassule e Nadavy, 2022

Título: A vala de sangue

Autores: Lucas Cassule e Nadavy

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: geral@esobreler.ao

Instagram: @esobrenoseditora_oficial

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Lucas Cassule

Execução Gráfica

É Sobre Nós Editora

Revisão

Paulo Muanda

Marketing e publicidade

Alusapo | Julieta Nguenda

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN: 978-989-9133-07-5

Edição Digital: Dezembro de 2022

É SOBRE NÓS EDITORA

Rua Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito dos autores e da editora.

*“Dedicamos este conto à todas as pessoas que
vivem em zonas de risco”*

“A dor muito prolongada faz-nos cruéis e indiferentes à crueldade, o que é ainda pior.”

Pepetela

LUCAS CASSULE

Nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É Professor, Escritor e Editor. É autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi, Afroerotismo em contos, Mil correspondências e co-autor do livro Karingana - 2 povos, 2 contos e do livro Pelo Poder Popular. O autor também trabalha como locutor e apresentador do programa “Conversa Escrita”, na rádio Muzangala. No dia 31 de Julho de 2022 foi homenageado pela AfriCan na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano.



NADAVY

Nahary David “Nadavy” nasceu em Luanda, Ingombotas, aos 2 de Junho de 1998. Autora do livro “Nossas Diferentes Semelhanças, vol. 1”, pretende conquistar o mundo através da sua veia artística. Sonha um dia poder acordar e viver da escrita, uma vez que o poder que descobriu nela poderá ajudá-la a tocar os corações e espalhar a magia pelo mundo.



O AMANHECER abriu bastante húmido. Chuva miúda caía sobre o solo do Cazenga e arredores. Na casa de Tino, um velho casebre de madeira e chapas, pequenas gotas descobriam os escassos furos da cobertura e adentravam no interior. Tino sabia, se fosse uma grande chuva, os seus pais já estariam de um lado para o outro a movimentarem os colchões e as roupas. Mas aquela fraca intensidade não durou muito tempo, parecia só um prenúncio do pior que se avizinhava, mais tarde, aumentou e o menino já tinha saído, corria por aquela vastidão da 7.^a Avenida junto do seu amigo Xavier, aproveitando o aguaceiro e juntando-se a tantos outros meninos.

Enquanto as quitadeiras e restantes vendedores ambulantes se preocupavam em proteger o que garantia o alimento do dia, as crianças corriam desalmadamente para aproveitar ao máximo os pingos frescos da chuva. Era, nesta altura, que a brincadeira se tornava mais divertida e a possibilidade de não precisarem de um novo banho era cada vez maior. Mas eu já banhei na chuva,

mamã, olha só como estou bem limpo, olha! É assim que eles respondem sempre, mais tarde, quando a casa regressam.

Tino e Xavier não encontravam motivos para evitarem a diversão, avistaram os amigos a deliciarem-se da brisa, acompanhada pela bênção disfarçada em estado líquido. Aproximaram-se do grupo, emanavam entusiasmo e alegria e soltavam assobios e gritos estridentes na euforia de sentir os pingos gordos de água, esparramarem-se nos seus corpos. Estavam todos de troncos nus, alguns só de cuecas, outros de pequenos calções surrados pelos embates dos tempos e de pulos arrojados.

Ali na Avenida, uma nova vala rasgava o corredor de ponta a ponta, um novo projecto da administração que visa a escoar as águas dos esgotos e das enchentes provocadas pelas chuvas para longe da comunidade. A escavação encontrava-se totalmente escancarada. Sobre os rebordos das extremidades, amontoados de terra vermelha. É assim em toda a extensão. Os meninos que lá se aproximavam, achavam divertido o escorregar do barro, agora transformada em lama que se betumava nos seus corpos como se fossem máscaras.

Os mais-velhos fartavam-se de alertar os pequeninos sobre a necessidade de redobrar os cuidados, a vala era um perigo, apesar de também se sentirem tentados em largar por alguns momentos a desencantada vida adulta para relembrem os doces prazeres da infância debaixo daquela enxurrada. De qualquer forma, eles continuavam na luta para a sobrevivência, enquanto os miúdos se deslumbravam com o dia maravilhoso que apenas começava.

A bola, em vertiginosos rodopios, rolava de pé em pé, goleada a goleada, remate a remate, sem nunca parar. À

medida que a chuva aumentava, mais lamacento o barro se tornava, mais diversão unia aquela turma, mais escorregos, mais o corpo ficava mascarado e mais gozo eles sentiam. Chuta a bola! Passa para mim, txé! Tás a jogar mal, oh! O jogo estava tão disputado quanto uma corrida entre Messi e Cristiano Ronaldo nas lides do futebol internacional.

Foi elevada a fasquia quando um dos melhores jogadores, Celestino, alcança a bola e corre (era também o mais veloz entre os petizes, notava-se, com o seu corpo franzino dançava com a bola no meio dos companheiros), fintou o primeiro e correu, corria já com os olhos levantados em direcção a Xavier que se encontrava ao lado da baliza adversária. Tino estava pronto para fazer a melhor assistência da sua vida, o amigo estava preparadíssimo para a recepção, colocara até a mão direita no ar a sinalizar a infalível oportunidade. Porém, Tino esquecera-se do detalhe da vala, encostara demasiado na extremidade e, ao tentar chutar a bola com o pé esquerdo, escorregou no lamaçal e foi sugado para dentro da vala que corria água corrente vindo das zonas mais recônditas do Cazenga.

Alguns dos meninos, com medo, fugiram. Outros, também desesperados, pousaram as mãos à cabeça e gritavam: eweeeeé! Mamã colela, meu Deus, Tino, e agora quem vai entrar aí? Enquanto outros gritavam por socorro, Xavier, apesar de estar com tanto medo e com um pouco de sentimento de culpa (pois fora ele quem gritava pelo amigo naquele momento do lance), correu em direcção à casa dos pais de Tino. Tia, tio, corram! O Tino caiu na vala! A mãe de Celestino já imaginava o pior, recolheu os panos, amarrou-se e saiu às pressas. O marido, também, largou os baldes cheios de água que retirava do

interior da residência e seguiu a esposa.

Os velhos encontraram a rua apinhada de pessoas, vizinhos sobretudo, que tentavam a todo o custo resgatá-lo do rio doméstico. Já só se viam partes das mãos quando este saltitava. Tino debatia-se, sofria, mas aquela vala é funda e tornara-se violenta com a enxurrada que recebia de vários esgotos. E os bombeiros? Já ligaram três vezes, nada. Mas como assim? Não faz sentido, fica mesmo aqui a quinhentos metros, mas até agora nada. Procurem uma escada, não há uma escada aqui? Esse administrador também, obra desse tipo mesmo é para ficar assim descoberto? Ele não sabe mesmo que isso constitui perigo às crianças? Esses também só fazem obras quando está a aproximar-se tempo chuvoso, assim fica como? Perguntavam, praguejavam os servidores públicos, criavam teorias e, os mais jovens, os que mais energia tinham, corriam de um lado para outro, batiam portas das residências mais próximas e perguntavam por isso e aquilo.

— Mama ué! Ajudem só mó filho éee! Salvem só o mó filho! — A mãe chorava e implorava desesperada, doía assistir o filho a lutar pela vida, debatendo-se para sair daquele lamaçal que não parecia ter fim.

O pai, já um pouco aflito, também sem saber o que fazer, tentou lançar-se à vala, porém os vizinhos impediram-no, seriam duas preocupações, foi o que lhe disseram. Até mesmo quem sabe nadar, com essa correnteza, lama e lixo pode ter dificuldades de sair vivo. Um jovem, o Ernesto, teve uma formidável ideia, tirou a sua própria camisa de tecido rígido e amarrou a outra, outro jovem amigo apoiou a ideia, trouxeram mais tecidos e não tardou, tinham uma corda comprida e grossa. Experimentaram esticar a ver se aguentava o peso, depois, ele mesmo

descaiu na vala enquanto os outros seguravam o nó lá de cima. No entanto, quando conseguiram içar o kandengue, já não mais tinha vida, tentaram reanimá-lo ali mesmo, sem resultado. A mãe, o pai e o resto da família só lhes restavam lamentos e choros, uma perda irreparável. Tino mal chegou a brilhar como o grande jogador que ele sonhava ser, como Cristiano Ronaldo, Messi e todos os craques que ele conhecia e admirava, o percurso terminou mais cedo. Uma pena!

O corpo de bombeiros? Não chegou, não atendeu, ninguém viu.

Fim.

Esta é uma homenagem a todas as crianças e adultos que perderam a vida pelas mesmas condições, serve também de apelo às pessoas de direito para que medidas se tomem a fim de evitar futuras tragédias.

Por uma Angola melhor, hoje e sempre.

Pelos autores
Lucas e Nadavy

Luanda, 08/12/2022

De que vale um conto, um romance preso na sua gaveta?
Publique com a É SOBRE NÓS!

É Sobre Nós Editora

Seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

https://instagram.com/esobrenoseditora_oficial

+244 926 155 992 | +244 919 146 296